



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

CAM

Gerard Byrne

Imagens ou Sombras
Images or Shadows

Gerard Byrne

Imagens ou Sombras
Images or Shadows

21 setembro 2012 > 6 janeiro 2013

**CAM - Galeria de Exposições Temporárias
e Sala Polivalente**

21 September 2012 > 6 January 2013

**CAM - Temporary Exhibition Gallery
and Multipurpose Room**

CADERNO DO CAM | CAM BOOKLET

Coordenação | Coordination

Patrícia Rosas

Texto | Text

Isabel Carlos

Tradução | Translation

Kennis Translations (Sean Linney)

Design | Graphic Design

Pedro Leitão

Impressão | Printing

Jorge Fernandes, Lda. Artes Gráficas

Depósito Legal | Legal Deposit

348874/12

ISBN: 978-972-635-260-0

Setembro 2012 | September 2012



CFPE
5380

IMAGENS OU SOMBRIAS

A exposição de Gerard Byrne teve o seu início no Outono de 2011 no Irish Museum of Modern Art (IMMA), em Dublin, na Irlanda, cidade natal do artista. Em cada um destes museus a mostra assume diferentes configurações, consoante o espaço e a curadoria local que parte do trabalho inicial do curador principal Enrique Juncosa, até há pouco tempo diretor do IMMA.

A exposição no CAM inicia-se logo no hall, em frente às salas polivalente e de exposições temporárias querendo sublinhar a relação entre o espaço arquitetónico do museu (inaugurado em 1983) e a obra de Byrne intitulada *1984 and beyond* (2005-07).

Esta instalação é baseada numa mesa-redonda entre 12 autores de ficção científica, organizada em 1963 pela revista *Playboy*, em que se discute o futuro do mundo, a evolução científica, as relações humanas e políticas. Homens a falar é algo que atravessa várias obras de Byrne, como se pode ver nesta exposição, o que já levou à afirmação de que na obra de Byrne a «masculinidade transforma-se em performance»¹, mas há também, sobretudo, a problematização e o esbater de fronteiras entre performance, televisão, teatro e cinema. Se James Coleman, igualmente irlandês, foi um dos pioneiros da abordagem dos limites entre estas várias expressões artísticas, Byrne aprofunda e trata a linguagem do vídeo e da televisão como um corpo próprio e um vocabulário específico que se pode reproduzir (desde a típica série histórica da BBC até ao documentário sobre arte).



Gerard Byrne, *1984 and beyond*, 2005-07

Em 1984 and beyond, o diálogo encarnado por atores profissionais soa estranho, não só pelas fantasias da década de 60 sobre o futuro, que agora já é passado – por exemplo a de que em breve surgiria uma nova nacionalidade, a dos lunários, nascidos no planeta Lua ou a certeza da imortalidade com os avanços da medicina –, mas também pelo tom um pouco pomposo e rebuscado dos diálogos, algo entre o escrito, o oral e o recitado, porque precisamente a sua origem é um artigo de revista e não um argumento para um filme. O texto do vídeo *Homme à Femmes* (Michel Debrane), de 2004, é igualmente oriundo de uma entrevista publicada numa revista, a *Le Nouvel Observateur*, em 1977, intitulada «Sartre et les femmes», entre a jornalista Catherine Chaine e o filósofo Jean-Paul Sartre, na altura já com 70 anos. O vídeo mostra só a imagem do entrevistado, da entrevistadora só temos acesso à voz.

O jornalismo volta assim a ser fonte de argumento para um vídeo que dura cerca de meia hora e onde só aparece a figura masculina a falar, em francês; o principal tópico da conversa é a relação com a sua companheira Simone Beauvoir.

O vídeo tem legendas em inglês mas as legendas não foram feitas a partir da fala do ator Michel Debrane mas de uma tradução da mesma entrevista publicada um ano depois, mais uma vez pela *Playboy*; o resultado é um desacerto entre a imagem e a fala do ator e o texto que corre na legenda e que nas palavras de Byrne lhe interessa para «puxar o tapete aos falantes de inglês e induzir uma espécie de pânico»².



Gerard Byrne, *Homme à Femmes* (Michel Debrane), 2004



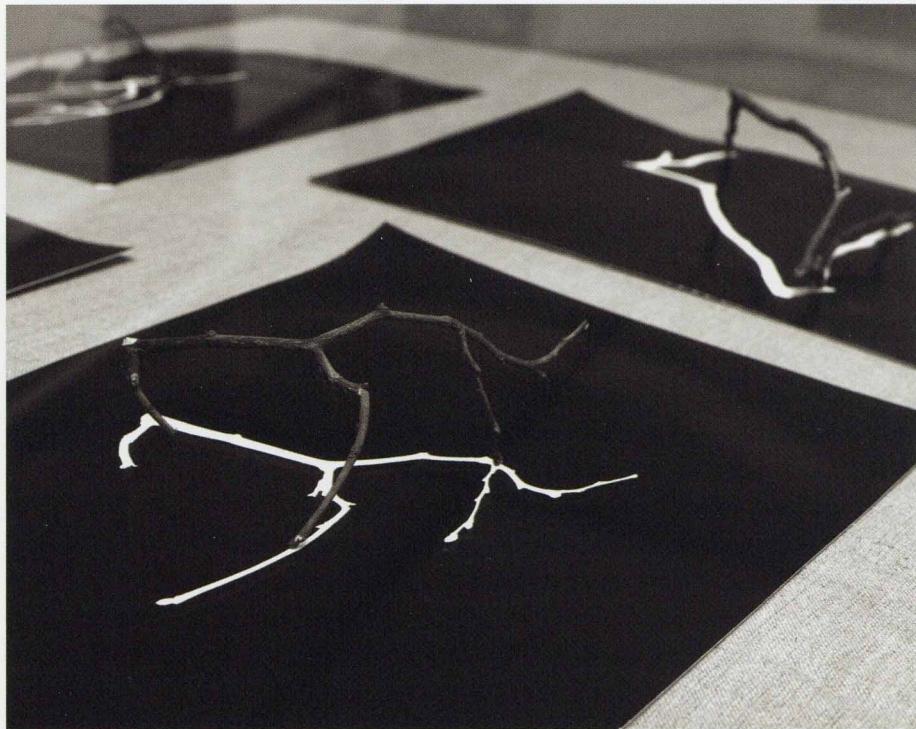
Gerard Byrne, *A thing is a hole in a thing it is not*, 2010-11

Tratar assuntos aparentemente tão sérios como o futuro da humanidade ou a relação entre dois grandes intelectuais da cultura francesa a partir de textos de uma revista para homens, que é conhecida e comprada pelas fotografias eróticas que publica de pin-ups sensuais e curvilíneas, revela algo que atravessa toda a obra de Byrne: um humor fino e ligeiramente sarcástico que reforça no espectador, para além da interrogação sobre a origem do que estamos a ver, qual a melhor atitude a tomar frente às suas obras: estará ele a falar a sério ou a brincar connosco?!

Ao contrário da atitude passiva que a televisão em geral induz no espectador, as obras de Byrne implicam o espectador, porque provocam uma certa agitação, quer seja psicológica que advém das dúvidas que instauram, quer seja física, a obrigação de saltar de televisor para televisor (*1984 and beyond*) ou de percorrer vários ecrãs (*A thing is a hole in a thing it is not*, 2010). Ou seja, apesar de serem vídeos, estas obras exigem ao visitante a mesma performance que uma exposição de pintura ou de escultura: têm que ser percorridas, não são para se sentar, parados a ver, como a televisão e o cinema. Na única obra em que o podemos fazer, *Homme à Femmes* (*Michel Debrane*) tem duas saídas de som, uma por trás da imagem projetada (a voz de «Sartre»), outra nas nossas costas (a voz da «jornalista»), ou seja, o nosso corpo está entre os dois, estamos implicados, somos a rede neste jogo de ténis entre duas vozes. O que é tanto mais interessante quanto a obra é um homem a falar sobre mulheres, dito de outro modo, a masculinidade manifesta-se através do discurso sobre o feminino. «Mesmo quando não penso em assuntos que estão diretamente relacionados com mulheres, continuo a pensar sobre as mulheres», diz o filósofo na entrevista; mas o sedutor está agora velho, vagamente perdido nos seus pensamentos, sozinho no apartamento amplo: a masculinidade à deriva.

À deriva mas dentro de um museu ou mesmo dentro da arte contemporânea – no seu mais icónico limite, a escultura minimalista – parecem estar os personagens em *A thing is a hole in a thing it is not*. O título é desde logo uma citação do artista minimalista Carl Andre que também é referido no vídeo através da polémica que envolveu a aquisição pela Tate, em 1976, da sua obra composta por uma pilha de tijolos; esta e outras histórias – a performance «Column» em 1961 do artista Robert Morris, a viagem-epifania de Tony Smith a guiar à noite numa auto-estrada sem fim – do início e da receção crítica da escultura minimalista, atravessam as cinco projeções que ocupam a Sala Polivalente cujas paredes cobertas por cortinas pretas reforçam a teatralidade e a retórica da obra. Recorde-se que Michael Fried, o principal teórico da corrente minimalista e largamente citado em *A thing is a hole in a thing it is not* enunciou uma guerra entre o teatro e a teatralidade de um lado, e a pintura e a arte modernista do outro. O vídeo central foi filmado no museu holandês Van Abbemuseum, que é o paradigma do minimalismo, e uma série de planos e pontos de vista dramatizam a relação obtusa de espectadores, guardas de museus, operários – alguns são atores outros não – com a escultura minimalista. «Enquanto obra de arte, *A thing is a hole in a thing it is not* é uma reflexão sobre o facto de a arte em si (seja ela modernista ou minimalista) ser sempre sujeito à história e não existir para além da mesma, i.e., que uma arte específica surge numa situação específica e é acompanhada por uma discussão específica»³. Mas não é só com o território artístico que Byrne trabalha e expõe uma situação específica e a sua discussão e impacto nos *media*, também o faz com algo aparentemente afastado da arte: a lenda do monstro de Loch Ness na Escócia. Em *Case Study: Loch Ness (Some Possibilities and Problems)* iniciada em 2001 e ainda não fechada, Byrne faz um levantamento de todas as referências a este fenómeno, no que é uma das suas obras mais complexas e diversificadas em termos de materiais e suportes, instalando desde um tronco de árvore até filme e fotografia, passando por desenhos.

Sobre ela disse o artista: «O Monstro de Loch Ness é um tema útil de investigação para as minhas intenções porque é um tema historicamente ausente (...), o projeto pode ultrapassar o modo de representação e atingir uma capacidade alegórica – hoje, resumiria essa ideia alegórica como “Analógico/Analogia”. A palavra “analógico” tem dois significados óbvios que, neste caso, se encontram delicadamente entrelaçados – o material que compõe a instalação são fotografias analógicas – produzidas com filme, na câmara escura. O seu caráter material é subtilmente enfatizado, de forma consistente, ao longo do trabalho – por exemplo, nas ecléticas técnicas de enquadramento e montagem. O segundo significado de analógico tem a ver com analogia – com a ideia de uma coisa poder servir de substituto ou sucedâneo de uma outra – coisas que se parecem com monstros que surgem nas fotografias / as descrições e analogias utilizadas para descrever o monstro na narração do filme / os fotogramas na vitrina / e, por último, as próprias fotografias»⁴.



Gerard Byrne, *Case Study: Loch Ness (Some Possibilities and Problems)*, 2001-contínuo | ongoing

Portanto não são só as fronteiras entre as várias linguagens artísticas que interessam a Byrne, mas também o modo e os suportes de como elas surgem se manifestam e se dão a ver; neste sentido, o artista é simultaneamente um arqueólogo e um hermeneuta da contemporaneidade.

Imagens ou Sombras, título da exposição e do catálogo que a acompanha, é mais do que uma evocação da caverna platônica – em que o que nós humanos veríamos, seria somente as sombras do mundo verdadeiro –, é sobretudo uma síntese do que interessa a Byrne, a realidade e a ficção, a verdade e a fantasia, não como categorias opostas mas porosas, que se contaminam e instabilizam, tal como uma escultura minimalista exige um uso e manuseamento simultaneamente delicado e complexo.

Isabel Carlos

¹Tom McDonough, in «Ladies' man», in *Images or Shadows* (catálogo), Dublin, Irish Museum of Modern Art, 2011, p. 41: «masculinity becomes performance».

²Op. cit. p. 42: «pulling the carpet from under the feet of English speakers and inducing a sort of panic».

³Maria Muhle, «Re-enacting art history», in op. cit., p. 187.

⁴Enrique Jucosa, «On the Subject of the existence of Monsters», in op. cit., p. 137.



Gerard Byrne, 1984 and beyond, 2005-07



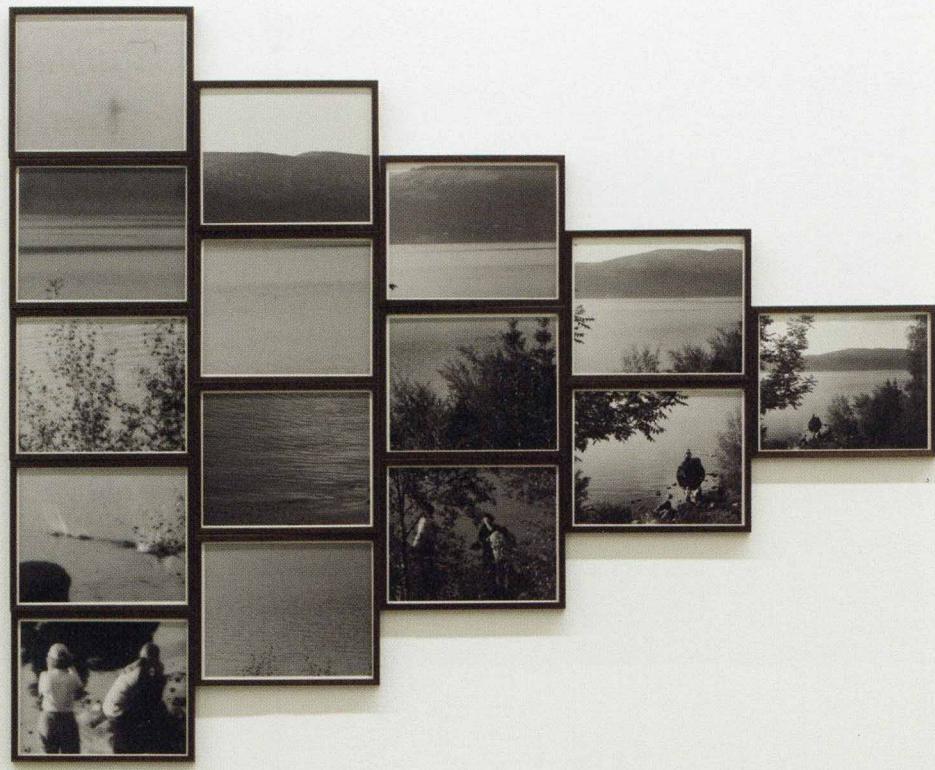
Gerard Byrne, *A thing is a hole in a thing it is not*, 2010-11
Foto | Photo: Tom Van Eynde



Gerard Byrne, Case Study: Loch Ness (*Some Possibilities and Problems*), 2001-continuo | ongoing



Gerard Byrne, Case Study: Loch Ness (*Some Possibilities and Problems*), 2001-continuo | ongoing



Gerard Byrne, *Case Study: Loch Ness (Some Possibilities and Problems)*, 2001-continuo | ongoing
Foto | Photo: Andy Keete

IMAGES OR SHADOWS

The Gerard Byrne exhibition first opened in autumn 2010 at the Irish Museum of Modern Art (IMMA) in Dublin, the artist's native city. In each of these museums the exhibition assumes different forms depending on the nature of the space and the local curators, whose starting point is the work initially undertaken by chief curator Enrique Juncosa, who, until recently, was the director of the IMMA.

The exhibition at the CAM starts in the hall, opposite the multipurpose and temporary exhibition rooms, with the aim of highlighting the relationship between the architectural space of the museum (which opened in 1983) and Byrne's work *1984 and beyond* (2005-07). This installation is based on a round-table discussion between twelve science-fiction writers organized in 1963 by *Playboy* magazine in which the future of the world, scientific development, and human and political relations were discussed. As can be seen in this exhibition, several of Byrne's pieces feature men talking, leading to the affirmation that in this artist's work "masculinity becomes performance"¹ and, above all, the barriers between performance, television, theatre and cinema are questioned and broken down. While Byrne's compatriot James Coleman was one of the first to tackle the limits between these various forms of artistic expression, Byrne deepens the language of video and television and treats it as a body in itself and a specific vocabulary that can be reproduced (from the typical BBC costume drama to documentaries on art).

In *1984 and beyond*, the dialogue brought to life by professional actors sounds strange not only because it gives voice to 1960s fantasies about a future that is now the past (for example, the belief that a new nationality, Lunarian, would shortly emerge for people born on the Moon, or the certainty of immortality with medical advances) but also because of the slightly pompous and mannered tone of the dialogues, which, because they originate from a magazine article and not from a screenplay, sound as if they lie somewhere between writing, speaking, and recital.

The text used in the video *Homme à Femmes* (*Michel Debrane*), which dates from 2004, was also taken from an interview published in a magazine, in this case a 1977 edition of *Le Nouvel Observateur*. Entitled "Sartre and Women", the interview was conducted between the journalist Catherine Chaine and the then seventy-year-old philosopher Jean-Paul Sartre. Just the image of the interviewee is shown as the spectator only has access to the interviewer's voice.

The video, which once again takes journalism as its source material, lasts around half an hour and shows only the male figure speaking in French, the main topic of the conservation being his relationship with his partner Simone de Beauvoir.

The video is subtitled in English but the subtitles were taken not from the words spoken by the actor Michel Debrane but from a translation of the same interview published a year later, once again in *Playboy*. The result is a mismatch between the image and words of the actor and the text appearing in the subtitles. According to Byrne, he was interested in "pulling the carpet from under the feet of English speakers and inducing a sort of panic"².

Byrne's desire to tackle subjects as apparently serious as the future of humanity or the relationship between two great French intellectuals on the basis of texts taken from a men's magazine that is known and purchased for its erotic photographs of sensual, curvaceous pin-ups reveals something that traverses all of his work: a subtle and slightly sarcastic sense of humour which, besides forcing us to question the origins of what we are seeing, also makes us wonder what attitude to adopt towards his works: is he being serious or joking with us?

In contrast to the passive attitude that television generally induces in the viewer, Byrne's works tease the spectator, whether by provoking a certain sense of psychological unease stemming from the doubts that they raise, or by physically forcing him to jump from one television set to another (*1984 and beyond*) or to move between several screens (*A thing is a hole in a thing it is not*, 2010).

In other words, although they are videos these works require the visitor to enact the same performance that would be required for a painting or sculpture exhibition: it is necessary to move around them rather than sit still and watch, as one would with a television or cinema screen. The only work for which this is possible – *Homme à Femmes* (Michel Debrane) – has two sound outlets, one behind the projected image (the voice of "Sartre") and the other behind our backs (the voice of the journalist). In other words, our body is between the two interlocutors; we are involved; we are the net in this game of tennis between two voices. What is more interesting about the work is that it presents a man speaking about women; in other words, masculinity is manifesting itself through a discourse on the female.

"Even when I am not thinking about subjects that are directly related to women, I continue to think about women", the philosopher says in the interview. But the seducer is now old, vaguely lost in his thoughts, alone in his spacious apartment: masculinity adrift. The characters in *A thing is a hole in a thing it is not* seem to be adrift, this time inside a museum or even inside contemporary art (at its most iconic limit, the minimalist sculpture). The title is a quotation from the minimalist artist Carl Andre, who is also mentioned in the video in relation to the controversial story surrounding the Tate's acquisition, in 1976, of a work of his consisting of a pile of bricks. This and other stories (the artist Robert Morris's performance *Column* (1961), the journey-epiphany experienced by Tony Smith when driving at night along an endless motorway) about the origins and critical reception of minimalist sculpture run through the five projections that occupy the multipurpose room, whose walls, covered by black curtains, reinforce the theatricality and rhetoric of the work. Recall that Michael Fried, the main theoretician of the minimalist movement whose presence is widely felt throughout in *A thing is a hole in a thing it is not*, announced that a war had broken out between the theatre and theatricality on the one hand and painting and modernist art on the other. The central video was filmed in the Van Abbemuseum in the Netherlands, the paradigm of minimalism, and a series of shots and points of view dramatises the crude relationship between the viewers, the museum guards, the staff (some of whom are actors and some not) and minimalist sculpture.

"A thing is a hole in a thing it is not is, as an artwork, a reflection on the fact that art itself (be it Modernism or Minimalism) is always subject to history and does not exist beyond it, ie. that a specific art emerges in a specific situation and is accompanied by a specific discussion"³. But Byrne does not only examine and present specific situations, the discussions surrounding them, and their impact on the media in relation to the art world. He also does so with something apparently far removed from art: the legend of the Loch Ness monster in Scotland. In *Case Study: Loch Ness (Some Possibilities and Problems)*, which he began in 2001 and has still not completed, Byrne carries out a survey of all of the references to this phenomenon, making it one of his most complex and wide-ranging works in terms of materials and supports, which range from a tree trunk to film and photography via drawing.

In the words of the artist: "The Lock Ness Monster is a useful subject of investigation for my intentions because it is a historically absent subject (...), the project can move beyond the representational mode and attain an allegorical capacity – today I would summarise that allegorical idea as 'Analog/Analogy'. The word analog has two obvious meanings that are delicately entwined here – the material that comprises the installation is all analog photography – produced using film and darkroom. Its material character is subtly but consistently emphasized throughout the work – for example in the eclectic framing and mounting techniques. The second meaning of analog is in the sense of analogy – the idea of one thing standing as substitute or replacement for another thing – things that look like monsters that appear in the photographs/the descriptions and analogies used to describe the monster in the film voice-over/the photograms in the vitrine/and lastly the photographs themselves".⁴

Byrne is therefore interested not only in the boundaries between the various artistic languages but also in the modes and supports by which they emerge, are manifested, and seen. In this respect the artist is at once an archaeologist and a hermeneutist of contemporary life.

Images or Shadows, the title of the exhibition and the accompanying catalogue, is more than an evocation of the platonic cave in which we humans would see only the shadows of the real world. Above all, it is a synthesis of what interests Byrne: reality and fiction, truth and fantasy, as categories which are not opposing but porous, which contaminate and destabilise each other, just as a minimalist sculpture demands to be used and handled in a way that is simultaneously delicate and complex.

Isabel Carlos

¹Tom McDonough, in "Ladies' Man", in *Images or Shadows* (catalogue), Dublin, Irish Museum of Modern Art, 2011, p. 41.

²Op. cit. p. 42.

³Maria Muhle, "Re-enacting Art History", in op. cit., p. 187.

⁴Enrique Juncosa, "On the Subject of the Existence of Monsters", in op. cit., p. 137.



Gerard Byrne, *Case Study: Loch Ness (Some Possibilities and Problems)*, 2001-continuo | ongoing
Foto | Photo: Andy Keete

EXPOSIÇÃO | EXHIBITION

CAM – Fundação Calouste Gulbenkian

Programação
Programming
Isabel Carlos

Curadoria
Curator
Enrique Juncosa

Curadoria Associada
Assistant Curator
Isabel Carlos

Arquitectura e Coordenação Técnica
Architecture and Technical Co-ordination
Cristina Sena da Fonseca

Produção e Coordenação
Production and Co-ordination
Ana Gomes da Silva

Secretariado
Assistants
Ivone Massapina Pinto
Rosário Lourenço

Equipa de Montagem
Construction Crew
Carlos Catarino
Carlos Gonçalinho
José António Nunes de Oliveira

Sven Anderson
(assistente do artista | artist's assistant)

Design Gráfico
Graphic Design
Pedro Leitão

Instalação Gráfica
Graphic Installation
Paulo Santos

Serviços Centrais da FCG
FCG Centralized Services

Audiovisuais
Audiovisual Materials
Clemente Cuba
Jorge Gonçalves
José Gouveia
Paulo Baía
Pedro Antunes
Tiago Jônatas

Luminotecnia
Lighting
Manuel Mileu

Transportes e Apoios Diversos
Transport and Other Services
Paulo Gregório

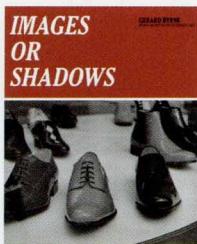
CAM - Fundação Calouste Gulbenkian

Rua Dr. Nicolau Bettencourt, 1050-078 Lisboa | Tel: 21 782 34 74

De terça a domingo das 10 às 18 horas

Rua Dr. Nicolau Bettencourt, 1050-078 Lisbon | Tel: +351 21 782 34 74

Tuesdays through Sundays 10 am - 6 pm

CATÁLOGO | CATALOGUE

Gerard Byrne
Imagens ou Sombras
Images or Shadows

Irish Museum of Modern Art
Dublin 2011

Textos de | Texts by
Bettina Funcke
Enrique Juncosa
Ian White
Jeremy Millar
Maeve Connolly
Maria Muhle
Pablo Lafuente
Sven Lütticken
Tom McDonough
Volker Pantenburg

224 pp. | 35€

VISITAS | GALLERY TALKS**Encontros ao fim da tarde**

21 de setembro (sexta-feira) às 17h00

Visita orientada por Isabel Carlos (diretora do CAM) e pelo artista Gerard Byrne

Domingos com arte

23 de setembro, 14 de outubro, 25 de novembro e 6 de janeiro (domingo) às 12h00

Visita orientada por Susana Anágua

Uma obra de arte à hora de almoço

4 de janeiro (sexta-feira) às 13h15

Loch Ness

Visita orientada por Susana Anágua

Visitas para escolas e grupos organizados, oficinas criativas para jovens e famílias

The education department provides group gallery talks in English by appointment

Marcações | Booking / Informações | Information
Descobrir

Programa Gulbenkian Educação para a Cultura
Tel. 217823800 | Phone. +351 21 782 38 00
descobrir.marcações@gulbenkian.pt
www.descobrir.gulbenkian.pt

PRÓXIMAS EXPOSIÇÕES
UPCOMING EXHIBITIONS

Narelle Jubelin

Plantas e Plantas

Plants and Plans

18.01.2013 > 31.03.2013

"a imagem que de ti compus"

Homenagem a Júlio

"the image of you that I composed"

Homage to Júlio

18.01.2013 > 07.04.2013

Lida Abdul

18.01.2013 > 07.04.2013

VISITE A COLEÇÃO DO CAM EM
EXPLORE CAM'S COLLECTION AT

www.cam.gulbenkian.pt

Gerard Byrne, A thing is a hole in a thing it is not, 2010-11

Cortesia de | Courtesy of Lisson Gallery, London,

Green on Red Gallery, Dublin, e | and Nordenhake Gallery, Stockholm.